

Asclépio

BOLETIM DA ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO

Ano 3 | n° 7 | Jul-Dez/12



O Presidente comenta



Affonso Renato Meira

“Nem muitas, nem poucas, mas algumas palavras,” redigidas como editor do Asclépio há quatro anos, ao comentário que faço como Presidente ao fim do mandato, uma chuva miúda, que incomoda, mas irriga o jardim, regou as ideias da Academia de Medicina de São Paulo. E nesse jardim bem cuidado nasceu: a posse da Diretoria realizada na Câmara Municipal da cidade de São Paulo; o “Prêmio Luiz Pereira Barreto; os comparecimentos nos conclaves da Federação Brasileira de Academias de Medicina; o convívio mensal com as entidades congêneres do Estado de São Paulo; o comparecimento com a pessoa e com a palavra nas solenidades mais importantes da categoria médica; o “Dia sete noticiário da Academia de Medicina de São Paulo”, enviado, também, a todas as academias de medicina do Brasil; a solidariedade aos movimentos justos dos médicos paulistas; a solenidade na Sala São Paulo, sala emblemática e brilhante onde a Academia de Medicina de São Paulo completou o preenchimento de todas as suas cadeiras no dia de seu 117º aniversário; os retratos dos Presidentes na parede da sede; a melhoria do espaço e do mobiliário da sede; o apoio recebido com o patrocínio de empresas prestigiosas; o lançamento do livro “7 de março”; o fórum “A Realidade do Médico Brasileiro”; a seção na revista “Inovar saúde”; o apoio recebido do Ache, da Amil, do Fleury, da Dasa, do Jockey Club de São Paulo, da Unifesp e da Allianz Saúde S.A. Essas flores algumas mais pujantes, com cores mais atraentes, outras que pouco duraram, foram todas plantadas e colhidas com o desejo de fazer a Academia de Medicina de São Paulo um lindo jardim onde os médicos paulistas encontrem paz e prosperidade. Assim como passados quatro anos se foram nem muitas, nem poucas, mas algumas palavras, são as que eu posso deixar ao se aproximar o fim de meu mandato.

Galeno, principal figura da medicina romana

O médico e filósofo romano Cláudio Galeno, de origem grega, nasceu por volta de 129, na cidade de Pérgamo, na região da Mísia, Ásia Menor, hoje parte do território turco, mas que na época estava submetida à colonização dos romanos. Ele era filho de Aélío Nicon um arquiteto abastado que lhe deu esmerada educação. Quanto à mãe, considerava-a uma pessoa irritável e histérica. Foi, certamente, o mais talentoso médico investigativo do período romano.

Pérgamo naquela época era um grande centro cultural e intelectual, famoso por sua biblioteca que atraía tanto filósofos estoicos como platônicos, a quem Galeno foi apresentado aos 14 anos. Aos 16 começou a estudar no prestigiado santuário local ou Asclepeion, dedicado a Esculápio, o deus da medicina, como um auxiliar, onde permaneceu por quatro anos. Passado esse período concluiu que nada mais tinha a aprender e partiu para outros centros como Esmirna, Corinto e Alexandria a fim de se aperfeiçoar. Voltou para Pérgamo em 157, por ter julgado terminada sua instrução. Passou, então, a ocupar o cargo de médico da escola de gladiadores, especializando-se em cirurgia e dietética. Em função das violentas atividades de seus clientes, adquiriu grandes conhecimentos de anatomia humana, ao vivo, e obteve enorme experiência no tratamento cirúrgico de fraturas e ferimentos graves.

Em 162 partiu para Roma, já famoso por ter curado um milionário muito conhecido, Eudemo.. A partir daí, consagrou-se ainda mais ao se transformar no médico particular do imperador romano Marco Aurélio e seu filho, Comodo. As palestras que proferia sobre medicina e higiene tinham um imenso público a tal ponto de exigirem um teatro para acolher a todos. Permaneceu em Roma até 192, exceto por um curto período em que esteve no Oriente Médio.

Os estudos e teorias constituídos por ele prevaleceram vigentes no Ocidente por mais de um milênio, tal a importância e a extensão de suas descobertas. Ele baseava suas investigações no exame minucioso de animais, como porcos, bodes e principalmente macacos, uma vez que a dissecação de seres humanos era proibida. Ele, então, extrapolava suas descobertas para os seres humanos o que o levou a cometer vários erros.

Escreveu quase quinhentos livros, entre eles um catálogo de toda sua obra denominado “Sobre os meus próprios livros” que pode ser considerada a primeira autobiografia da História.

Alise seus estudos achavam-se ordenados em sete grupos: anatomia, patologia, terapêutica, diagnóstico e prognóstico, comentários a Hipócrates, filosofia e gramática. Em 192, foi abalado pela perda de grande parte da sua livreria, devido a um incêndio. Aproximadamente 83 tratados médicos chegaram até nós; alguns textos, no entanto, existem apenas na tradução árabe.

Pelo fato de que suas teorias propiciarem a transformação da Farmacologia e Terapêutica de uma arte intuitiva em uma ciência, foi lhe conferido o título de “Pai da Farmácia”.

Pouco se sabe sobre seus últimos dias. Acreditam alguns que tenha morrido na Sicília por volta do ano 200, contudo outros historiadores postulam que sua morte teria ocorrido em Roma, na mesma época.

Palavra da Editora



Este número do Asclépio marca uma despedida. Sim, é o último número referente à gestão 2011-2012. E este se torna um momento especial!

Foi, sem dúvida, uma grande honra para mim, mas ao mesmo tempo uma grande responsabilidade, ocupar a posição de editora do Asclépio, pois vinha eu substituir a ilustre figura do Acadêmico Prof. Dr. Affonso Renato Meira, então eleito Presidente da Academia.

Foi muito agradável e proveitoso atuar nesta augusta Academia. Para atender ao compromisso de manter vivo o Asclépio e fazer frente à missão a mim designada de produzir, articular, enfim, editar o boletim da Academia sempre contei, em primeiro lugar com o inestimável apoio de seu Presidente, a quem destino meus melhores agradecimentos.

Ao manifestar minha gratidão ao Presidente, por ter-me confiado esta missão, deixo também a minha homenagem especial aos meus companheiros de Diretoria pela sua incansável disposição para contribuir com este trabalho.

Obrigado também pelas pessoas que colaboraram com esta tarefa e foram muitas. Agradeço à nossa secretária pela amizade e dedicação. Contudo, creio que não consigo mencionar todas, portanto, perdoem-me.

Gostaria também de me desculpar por eventuais falhas, embora tenha me esforçado para minimizar sua ocorrência e faço questão de reafirmar minha satisfação em ter participado deste grupo tão especial.

Momentos difíceis? Sem dúvida os tive. Mas, na somatória geral, aqueles bons foram em muito maior número, como a posse solene no Plenário da Câmara Municipal de São Paulo, a solenidade promovida pela Academia para comemorar seus 117 anos e empossar 27 novos membros, a homenagem prestada à Academia pela Sociedade Beneficente Israelita Albert Einstein, o Encontro Médico Ítalo-Brasileiro, para citar apenas alguns.

Finalizo com uma afirmação, talvez pouco modesta, mas muito sincera: acredito ter cumprido a missão!

Acontece na Academia

- No dia 10 de outubro último tivemos na nossa já tradicional Tertúlia palestra proferida pelo Professor Doutor Arnaldo Amado Ferreira Filho sob o título "Doenças e governantes: a paralisia obstétrica e a hemofilia na história da 1ª Grande Guerra e suas consequências". O tema fez grande sucesso entre os presentes.
- A Associação Paulista de Medicina atendeu ao apelo feito para ceder a sala ao lado da atual sede da Academia de Medicina de São Paulo, produto de ofício enviado logo da posse do Presidente Florisval Meinão. Para isso contou com a prestimosa colaboração do Acadêmico Ruy Yukimatsu Tanigawa, a quem membros da Academia de Medicina de São Paulo muito agradecem. A ligação entre as duas salas já está pronta e agora com as adaptações adequadas para que se possa usufruir do maior espaço.
- Em reunião do dia 17 de outubro a Diretoria recebeu parecer da Comissão escolhida para dizer da aceitação das candidaturas às cinco vagas abertas. Dos oito candidatos inscritos, sete foram aprovados, respeitadas as normas do Regimento. Foi estabelecida a data de 21 de novembro para a realização das eleições para preenchimento das vagas existentes. Após a apuração, foram declarados eleitos os candidatos: Vicente Amato Neto (cadeira 6), José Carlos Trindade (cadeira 32), Donaldo Cerci da Cunha (cadeira 35), Domingo Marcolino Braille (cadeira 48) e Luiz Henrique Gebrim (cadeira 99). Todos professores universitários, sendo dois deles de Instituições da capital, um de Botucatu, um Marília e um de São José do Rio Preto, ampliando assim a presença da Academia no interior do Estado.
- Em reunião de Diretoria foi aprovada proposta do Presidente para a Academia de Medicina de São Paulo assumir a redação de uma seção da revista "INOVAR saúde". A revista, na seção que caberá a Academia de Medicina de São Paulo, estará publicando artigos de membros da Academia. Os acadêmicos devem encaminhar seus trabalhos realizados em no máximo 7.500 toques (Times New Roman 11) versando sobre aspectos científicos da Medicina. Maiores informações na secretaria da Academia. A tiragem dessa revista em São Paulo é de 28.000 exemplares.
- Membros da Academia Paulista de Medicina em destaque: o cirurgião cardiotorácico Paulo Manuel Pêgo Fernandes, membro titular da Academia de Medicina de São Paulo foi premiado pelo trabalho "ECMO-Tópico contra isquemia fria como forma de preservação pulmonar para transplante" no XI Congresso Luso-Brasileiro de Transplantação realizado no início de outubro em Coimbra. Ele também foi homenageado com Medalha Institucional do Centenário da FMUSP, como parte das Comemorações do Centenário da Faculdade de Medicina da USP, no dia 26 de outubro de 2012. O confrade Marcello Fabiano de Franco foi agraciado pela com medalha de ouro em reconhecimento pela contribuição prestada à Patologia pela International Academy of Pathology (IAP). O confrade José Roberto de Souza Baratella, vice-presidente da Academia de Medicina de São Paulo, foi acolhido como membro da Academia Nacional de Cirurgia Pediátrica (ANCIPE). A ANCIPE foi fundada em 1999, em Recife (PE) e é constituída por somente 20 cirurgiões pediátricos brasileiros. Para admissão o confrade José Roberto Baratella cumpriu os seguintes requisitos: idade mínima de 60 anos; ter presidido a associação Brasileira de Cirurgia Pediátrica; ter presidido pelo menos um Congresso Nacional da especialidade; ter sido (ou ser) chefe de Serviço com formação de residentes; ter sido (ou ser) professor universitário. Uma vez cumpridos os pré requisitos, o nome do indicado foi aprovado pelos membros da Academia
- Foi realizado em 29 de novembro o Fórum promovido pela Academia de Medicina de São Paulo sobre o tema "A Realidade do Médico Brasileiro". Os temas, de grande interesse, foram apresentados pelos mais ilustres palestrantes, e além disso, contou com seleta audiência, muito participativa nos debates, e cujas conclusões serão enviadas à Associação Paulista de Medicina.

Contemporâneo

O nascimento em casa

Em todo o mundo ressurgiu antigo costume do desejo das mulheres de darem à luz a criança em seu lar.

Apesar das vantagens financeiras e psicológicas, além da ausência de uma ferida operatória, inexistente em partos domiciliares, cresceu, em quase todos os países, se antepondo a antiga tradição do parto caseiro, a demanda pela ida da parturiente à maternidade para dar a luz a sua criança. É sempre de hábito em cada situação considerar que a evolução do seu tempo é sempre mais rápida e mais profunda do que em tempos anteriores. Assim o hábito do parto hospitalar se difundiu, mas o desejo de ter o nascimento de seu filho parto em casa ainda persiste.

Ainda que se possa considerar que o parto normal e os atos da cirurgia obstétrica devam ser realizados acatando preceitos incisos e a precisas indicações oferecidas pelos conhecimentos das ciências da saúde e que não podem ser tomadas por interesses financeiros e nem pela conveniência, seja do médico, seja da parturiente, na realidade, no dia a dia dos tempos atuais, nem sempre isso é o que ocorre.

Surge em grupos de mulheres brasileiras, como em inúmeras outras de países ocidentais, um desejo de poder decidir que sua criança possa vir à luz em sua casa. Antes de uma decisão científica oferecida pelos valores e conhecimentos incontestáveis da medicina é preciso meditar sobre a mulher parturiente e sobre a repercussão do fato em toda a sociedade.

A dúvida é estabelecer a quem cabe essa decisão, uma vez que ela, muitas vezes, não está baseada no que a medicina preconiza ao que seria o desejável, para que o parto ocorra nas melhores condições para o nascituro e para a sua mãe.

Ao se refletir sobre no que se basear para tomar a decisão de se realizar um parto hospitalar, desejada pelo médico, e contrária ao querer materno de ter seu filho em casa, um primeiro aspecto, a se tomar em conta, é que ela deve estar restrita a sua necessidade de acordo com o que se encontra nos conhecimentos das ciências da saúde. A natureza, na sua sabedoria, faz que a normalidade, não se anteponha ao fato da mulher se reproduzir, até sem auxílio. A tecnologia moderna deve chegar para o auxílio e não como primeira instância



a ser tomada. Portanto como primeiro parâmetro para a realização do parto hospitalar é a indicação precisa estabelecida pelos conhecimentos científicos oferecidos pela obstetrícia, e não o desejo da parturiente ou do obstetra. Havendo uma decisão médica para se efetuar uma internação hospitalar é extremamente improvável que a gestante a ela não queira se expor. Não existe barreira cultural alguma que se possa estabelecer para evitar esse procedimento, e a gestante com o seu emocional voltado para o parto que vai ocorrer concentra seu desejo que ele se conclua com o nascimento de uma criança saudável.

Dentro ainda do âmbito do que ensina a Escola Médica o aspecto ético profissional precisa ser atendido. O alvo de toda atenção do médico é a saúde de seu cliente; no caso em pauta o alvo do médico é a saúde da gestante, para o benefício da qual deverá agir com o máximo de zelo. É, também, preceito ético a obrigação de informar ao paciente o diagnóstico, o prognóstico, os riscos e os objetivos da orientação seja clínica ou cirúrgica. Cabe, portanto ao médico, que atende à paciente, informar todos os passos que serão tomados em uma internação hospitalar realçando os cuidados e as medidas possíveis e cabíveis em caso que ocorra alguma eventualidade não desejável, esclarecendo os riscos que podem advir da ausência desses cuidados. Porém de maneira correta e ética o médico deve obter o consentimento da paciente, já conhecedora da situação e responsável para tomar uma decisão. A autonomia da paciente, no caso, a condição de decidir sobre si à respeito de sua saúde deve ser respeitada e aceita.

O aparecimento de personagens de prestígio mundial divulgando valores referentes ao parto realizado em casa, ocupa com sua divulgação os valores, que em momentos outros, foram preenchidos por valores tradicionais, o que vem influenciando na autonomia e conseqüente no desejo da gestante.

E assim ressurgiu agora em grupos sociais mais esclarecidos uma aspiração de realizar seu parto em casa, ao lado de todos os componentes do seu cotidiano.

Ao não ser encontrada uma solução, o médico pode eticamente informar a paciente que ela estará descompromissada de aceitar sua assistência e libertada para seguir a orientação que assim desejar ou aceitar a incumbência de atender a gestante no parto domiciliar, se julgar que não hajam inconvenientes.

(Adaptado de Meira AR. Parto domiciliar.
In academiamedicinasaopaulo.org.br)

Memórias

Dr. Nemésio Bailão

Helio Begliomini
Titular da cadeira 21

Um grande médico e generoso amigo

Nemésio Bailão nasceu em 10 de agosto de 1909, em Taiuva (SP). Era filho de Manoel Lourenço Bailão e de Conceição Domingues Bailão.

Graduou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, em 1934. Durante o curso médico tomou parte ativa na Revolução Constitucionalista de 1932.

Começou a clinicar em Pirangi (SP), onde também se dedicou à vida política, sendo vereador e presidente da Câmara Municipal desse município.

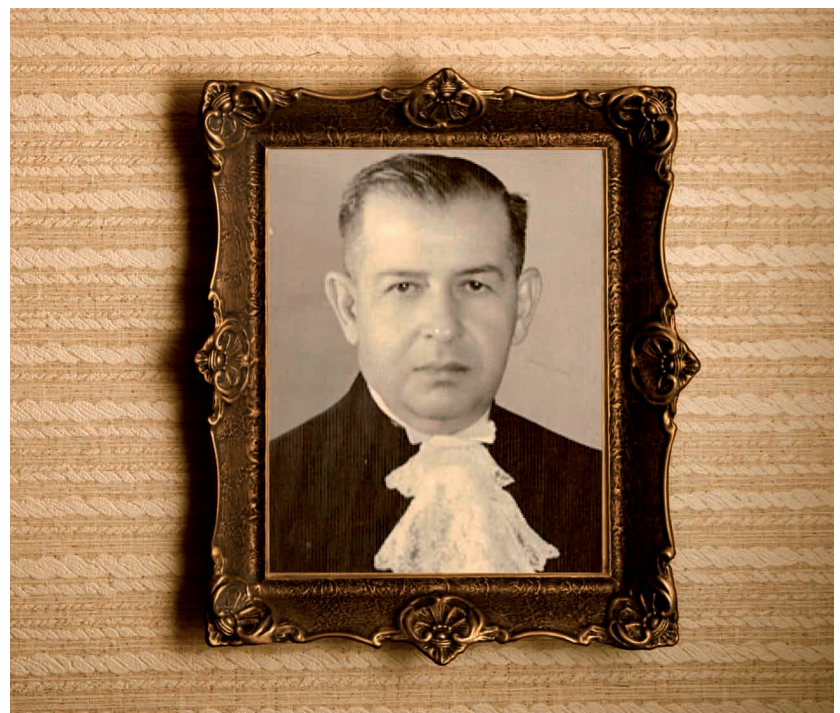
Transferiu-se em seguida para a capital paulista, onde conquistou grande círculo de amigos, sendo muito estimado e sabendo corresponder com grande generosidade.

Juntamente com colaboradores ministrou cursos como o de "Medicina de Urgência", sob o patrocínio do Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

Bailão tornou-se o primeiro diretor clínico do Hospital do Servidor Público Estadual (HSPE) e trouxe para nele trabalhar nomes de grande destaque do Hospital das Clínicas, tais como: Arthur Wolff Netto, ginecologista; Waldemar Henrique Cardim, berçarista; Reynaldo Chiaverini, clínico; Eugenio Mauro, cirurgião; assim como numerosos ex-residentes que se tornaram famosos profissionais, como Angelita Gama, Conceição Mattos Segre, Anói Cordeiro, Hartmut Grabert; e médicos do porte de Evaldo Melo dentre tantos outros.

Prescindindo de pendores políticos, mas imbuído de grande patriotismo, Nemésio Bailão viu-se envolvido nos acontecimentos que precederam a revolução militar de 31 de março de 1964, tomando parte ativa de sua preparação.

Por ser um ilustre médico com muita penetração social, além de possuidor de grande clínica, tornou-se um dos grandes elos de ligação entre civis e militares que enfrentaram a onda comunista que ameaçava o País, motivada também pela grave situação política desencadeada pelo governo de João Goulart. Em sua



residência reuniram-se inúmeras vezes os principais líderes do Exército brasileiro, que vinham estabelecer contatos com os oficiais do II Exército. Apesar de saber que era passível de represálias do governo federal, jamais renunciou sua moradia e sua própria pessoa à causa da redemocratização republicana da nação. Ao contrário, assumiu a responsabilidade de arrecadar recursos a essa causa, concentrando em suas mãos o dinheiro que dispunham os conspiradores para o preparo da Revolução de Março.

Todos esses esforços foram em vão, pois a saúde, que já era precária, sofreu uma grande decepção que teve com os desvios nas diretrizes dos desdobramentos do Golpe Militar o levou a morte.

Nemésio Bailão foi casado com Tereza Iracema Cividanes Bailão e teve uma filha, Iracema Conceição Cividanes Bailão. Faleceu na cidade de São Paulo, em 9 de março de 1966, aos 56 anos. Seu corpo foi velado no Hospital do Servidor Público Estadual, onde atuava como diretor da Divisão Médica. A missa de sétimo dia foi celebrada na Igreja de Santa Teresinha, no bairro de Higienópolis.

Nemésio Bailão é honrado como patrono da cadeira no 28 da augusta Academia de Medicina de São Paulo; dá nome a uma rua da capital paulista, no bairro Butantã, e a um imponente anfiteatro no Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo.

Hoje a cadeira 28, da qual é patrono, é ocupada pela acadêmica Conceição Aparecida de Mattos Segre.

In Memoriam

“NÃO TENHO DO QUE ME QUEIXAR”

“Escrever sobre a morte é escrever sobre a vida”, disse o escritor Saramago (prêmio Nobel de literatura de 1998), em uma entrevista ao jornal “Folha de São Paulo” no ano de 2005.

E ele estava coberto de razão. Não vamos escrever sobre a ausência do ilustre Acadêmico Manoel Ignácio Rollemberg dos Santos, que ocupou a cadeira 97 da Academia, mas sobre sua presença.

Ilustre cirurgião torácico destacou-se na área acadêmica por suas publicações sobre as bestose, mas também publicou três livros sobre temas tão diversos quanto nos sugerem seus títulos: “Nos Tempos da Panair” (em 2001); “O Vôo do Poeta Dalmo Florence” (em 2004); e “O Santo Sudário não é um Sudário” (em 2007).

Apesar de ter participado como Acadêmico da vida da Academia por pouco tempo, uma vez que tomou posse em 07 de março último, deixou marcada sua presença. Proferiu palestra na tertúlia de 7 agosto deste ano de 2012 sobre o tema “Comentários sobre o Santo Sudário” que a todos os presentes cativou. Foi dele um texto que publicamos no penúltimo Asclépio sobre “As moedas de Poncio Pilatos”, com fotos ilustrativas que nos foram gentilmente cedidas por ele.

E agora nos deixa mais um texto, que passamos a publicar, em seu estilo agradável, fluente e curioso, sob o título “Não tenho do que me queixar...”, que segue.

NÃO TENHO DO QUE ME QUEIXAR

Acadêmico Manoel Inácio
Rollemberg dos Santos

In Memoriam

Em que pesem as mazelas deste belíssimo torrão, vira e mexe vemos alguém a se destacar, nos trazendo a esperança (Ah! A velha esperança...) de dias melhores. Nos nosso dia a dia em que não ficamos sequer uma semana sem que notícias desabonadoras infestem nosso noticiário, para não usar uma palavra mais chula, eis que ressurgem uma personalidade há tanto tempo esquecida, dentro do nosso velho hábito costumeiro de olvido das boas coisas e das pessoas gradas, ao sermos surpreendidos, com grande alegria,

por podermos ouvir o “velho” político gaúcho, ainda em plena forma, no alto de seus bem vividos 87 anos de existência.

O repórter da Globo News, sempre feliz em suas escolhas, reservara essa grata e bela surpresa, ao entrevistar um de nossos baluartes da política de antanho. Já conhecia Paulo Brossard, que como senador da oposição do antigo MDB, falava da tribuna sem temor, com destemor até, ao desafiar os generais da ocasião. Causava admiração, pois outros políticos por muito menos haviam sido sumariamente excluídos, cassados como regra, da cena política. Mas o velho Brossard com sua elegância, que às vezes chegava a resvalar em certo pedantismo, conseguia sobreviver naquele mar revolto. Uma de suas características marcantes, dizia respeito às suas origens, parecendo um verdadeiro guerreiro das lutas entre maragatos e chimangos.

Encontrei ocasionalmente o senador Brossard em Nova York. Estava a aliá convite, participando de um simpósio sobre “Pneumoconioses” e naquele domingo fora com meus amigos visitar o World Trade Center, de saudosa memória. Voltando de sua visita, o senador surgiu inopinadamente, com seu chapéu banco panamá clássico (o senador granjeira fama por meio de sua coleção de chapéus), deambulando em seu passo clássico, naquele calçadão praticamente deserto àquela hora, quando, pouco antes de nos cruzarmos, fui cumprimentando uma oitava acima... “Como está passando, senador?” Olhou-me de soslaio, com uma expressão misto de surpresa e talvez desprezo, mas ao mesmo tempo com certa alegria. Afinal, não é todo o dia que se é “descoberto” na metrópole do mundo, ainda mais por alguém desconhecido nas altas rodas do poder. Retribuí os cumprimentos, que foram reforçados por meus amigos, despedindo-se logo a seguir. Com seu traço discreto de levantar levemente a aba do chapéu. À noite fomos assistir ao musical EVITA, de Frank Lloyd Weber, um tremendo sucesso na Broadway. Estávamos aguardando a segunda sessão, quando à saída dos espectadores da primeira sessão, nos deparamos novamente com o ilustre senador. Nesta altura já éramos conhecidos. Aliás, no exterior fica fácil tornar-se conhecido. A coisa muda no retorno. Seu cumprimento foi mais natural, com a fisionomia plena de bonomia. Não resistimos e indagamos... “Veio ver o caudilho?”, numa alusão aos tradicionais líderes gaúchos, tais quais o celeberrimo Perón, uma das figuras marcantes da peça.

Respondendo à questão se teria tido um lampejo de poder ter sido adornado com a faixa presidencial, pensou um pouco e respondeu que não. Um não pouco convincente, pois no seu ponto de vista não teria nenhuma possibilidade, deixando claramente implícito, seu sonho. Aliás, qual político não almeja a cadeira principal do Palácio do Planalto? Para justificar seu raciocínio citou vários políticos que sonharam a vida toda, mas nunca chegaram lá. Falou em Oswaldo Aranha, brilhante tribuno, que ocupou todos os cargos, inclusive a liderança dos revoltosos antes da revolução de 30, que acabou por consagrar outro conterrâneo seu, o escorregadio Vargas. Mas ele mesmo nada conseguiu. Outro a ser citado foi o presidente das Minas Gerais (na época o governador era chamado presidente do estado) Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, que ao ser-lhe negada a sucessão de Washington Luís, levantou a bandeira para a escolha de um gaúcho, dando o ponta pé inicial à formação da Aliança Liberal, ponta de lança a revolução de 30. Mas isso é outra história.

Brossard mostrou, mesmo com a passagem dos anos, sua finura, sua postura, seu “donneur” que o situam entre os gentlemen, tão raros nestes tempos de “cumpanheiros”.

Ao final, como se acontecer nas presentes entrevistas, foi perguntado como terminara aquele encontro com uma palavra. Parou um pouco, pensou um instante, acabando por concluir não poder fazê-lo com uma única palavra, mas de forma mais ampla... “Não tenho do que me queixar. Tive muito mais do que merecia!” Que saudade de gente dessa estirpe!

Jubileu de OURO da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo

Mario Santoro Junior
Titular da cadeira 69

“Temos a honra de convidar V.Excia e Exma.Família para as solenidades de instalação da FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DOS HOSPITAIS DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE SÃO PAULO, criada pela FUNDAÇÃO ARNALDO VIEIRA DE CARVALHO, a realizarem-se nos dias 24 e 25 do corrente”.

Com este convite, para os dias 24 e 25 de Maio de 1963, assinado pelos Drs. Camilo Ansarah, Presidente da Fundação Arnaldo Vieira de Carvalho e Christiano Altenfelder Silva, Provedor da Santa Casa de São Paulo, sinalizava-se à sociedade em geral que os Hospitais da Santa Casa jamais perderam sua vocação para o ensino pois, eis que com a aula inaugural, proferida pelo Prof. Pedro Calmon, na época magnífico o reitor da Universidade do Brasil, com o tema “As Misericórdias – Berço do Ensino Médico”, seguida no dia imediato pela Missa celebrada por sua Eminência o Exmo. Cardeal Arcebispo Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, estava instalada a nova Faculdade de Medicina, a qual no próximo ano completará 50 anos de atividade.

Naquela memorável noite, a egrégia Academia Paulista de Letras engalanou-se para receber em sua majestosa sede, no tradicional largo do Arouche, na cidade de São Paulo, inúmeras autoridades, de diversas esferas públicas, Diretores e Conselheiros da Fundação Arnaldo Vieira de Carvalho, componentes da Mesa Diretora da Administração da Santa Casa de São Paulo, professores de Medicina, alunos recém ingressos nessa Faculdade, seus familiares e a Sociedade em geral. Todos juntos foram testemunhas privilegiadas desse nascimento, evento que marcou de forma indelével a memória de todos que ali estiveram.

Ao criar a primeira Santa Casa de Misericórdia do mundo em 15 de agosto de 1498, a rainha portuguesa Leonor de Lencastre, viúva do rei D. João II, dava origem à primeira e uma das maiores ONGs de toda a história. Tendo como alicerce a prática das 14 obras de misericórdia, que compunham o seu primeiro estatuto - denominado Compromisso - a instituição nasceu com a finalidade primordial de assistir os irmãos desamparados. Não demorou a se multiplicar por todo o mundo, alcançando um papel fundamental no trabalho de assistência às populações carentes. A Santa Casa de São Paulo, embora com alguma incerteza, foi fundada por volta de 1560. Vasta é a história de nossa Santa Casa que vivenciou e protagonizou momentos importantes de São Paulo. Seu ensino médico inicia-se por proposta do Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, seu Diretor Clínico em 1912, tornando-se o primeiro local a formar médicos no Estado de São Paulo, como Faculdade de Medicina. Esta, após sua incorporação à recém fundada Universidade de São Paulo, em 1934, foi aos



Fonte: Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz



Fonte: www.santacasasp.org.br

poucos deixando seu berço inicial, terminado sua separação definitiva em 1948, com a mudança para o Hospital das Clínicas. Com a saída dos alunos, um vazio pairou entre os arcos góticos de sua arquitetura. Lideranças médicas, entre elas, os eminentes Profs. Oscar Monteiro de Barros, Walter Edgar Maffei, Nairo França Trench, etc, propugnavam pela necessidade de se dar vazão à vocação de ensino que desde sempre esteve presente naquela Instituição.

Documento enfático apresentado à mesa administrativa em 20 de Abril de 1956 e assinado por Paulo de Godoy, Oscar Monteiro de Barros, Matheus Santamaría, Paulo de Almeida Toledo e Pedro Ayres Neto, afirmava que "...a Diretoria Clínica e o Conselho Técnico estavam convencidos da urgente necessidade de se instituir o ensino médico visto que, segundo verificação universal, hospital em que não se pratica o ensino e de onde é banido o estímulo ao estudo e ao rápido esclarecimento dos casos clínicos

rapidamente se transforma em mero depósito de doentes...". Em outubro 1962, o então provedor, advogado Dr. Cristhiano Altenfelder, com grande entusiasmo, anunciou à Mesa Administrativa que estava aprovada a criação da Faculdade de Ciências Médicas dos Hospitais da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. O Prof. Dr. Emilio Athiê, na época Presidente da Associação dos Médicos da Santa Casa, foi outro grande entusiasta deste Projeto. Athiê e Altenfelder são considerados os verdadeiros fundadores dessa Faculdade. Emilio Athiê foi o responsável pela formatação didática da nova Faculdade, sendo o seu primeiro Diretor seguido pelos Profs. Renato Jacob Woiski, Adauto Barbosa Lima, Orlando Jorge Aidar, Waldemar de Carvalho Pinto, Stanislaw Krynski, João Fava, Ernani Geraldo Rolim, primeiro ex-aluno a ascender a esse cargo, e Valdir Golin também ex-aluno.

Em 2000 os cursos de Medicina foram acrescentados aos cursos de Enfermagem e o de Fonoaudiologia.

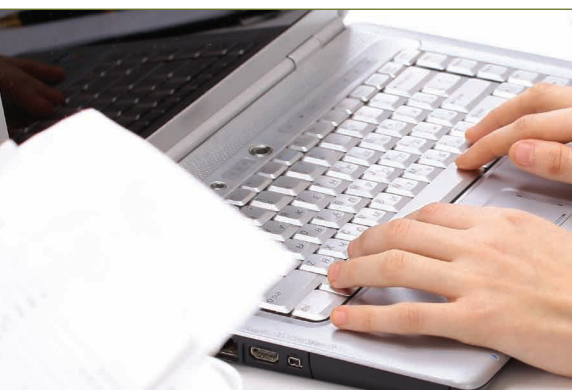
Pode-se afirmar que a história da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa é amplamente gloriosa e hoje o seu conceito como centro formador de excelência é inquestionável, tanto assim que seu curso figura entre os dez melhores do País, conforme reconhecimento oficial.

Fui aluno da primeira turma da Faculdade de Ciências Médica da Santa Casa de São Paulo. Muitas lembranças certamente poderão ser evocadas por todos que, como eu, tiveram a ventura de um dia adentrar os seus pórticos. Mas outras publicações darão conta disso...

Parabéns "Santa", como carinhosamente seus alunos a chamavam.

Variedades

Normas para publicação



As matérias para o Asclépio devem ser de autoria do acadêmico titular e encaminhadas para:
contato@academiamedicinasaopaulo.org.br
obedecendo às seguintes características:

PAPEL/FORMATAÇÃO: A4 com espaçamento 1,5 margens laterais de 2,5 margens verticais de 3,0 caracteres tipo Times New Roman tamanho 11.

Ser destinada a uma das seções:

- **CONTEMPORÂNEO:** Publicação de material sobre aspectos da atualidade relacionados com a saúde e/ou medicina. Os artigos devem conter, no máximo, 2.100 caracteres..
- **MEMÓRIA:** Biografia de médicos ilustres, preferencialmente os patronos das cadeiras da Academia. Os artigos devem conter no máximo 2.100 caracteres.
- **CONTEXTO:** Comunicações variadas, no contexto da área médica. A matéria deve conter, no máximo, 1,890 caracteres.
- **HISTÓRICO:** Relato de fatos históricos relativos a pessoas ou instituições vinculados aos aspectos da área de saúde. Os artigos devem conter 2.100 caracteres.
- **VARIEDADES:** Assuntos variados relacionados com saúde ou medicina, devendo conter, no máximo, 890 caracteres.

As matérias serão publicadas depois de aprovadas e de acordo com a ordem de recebimento.

UNIMED PAULISTANA
coopera com a publicação do ASCLÉPIO

Diretoria

| | |
|-------------------------|---|
| Presidente | Acadêmico Affonso Renato Meira |
| Vice-presidente | Acadêmico José Roberto de Souza Baratella |
| Secretário Geral | Acadêmico Luiz Celso Mattosinho França |
| Secretário Adjunto | Acadêmico Sergio Paulo Rigonatti |
| Primeiro Tesoureiro | Acadêmico Antonio Carlos Gomes da Silva |
| Segundo Tesoureiro | Acadêmico Nelson Fontana Margarido |
| Diretor-cultural | Acadêmico Arary da Cruz Tiriba |
| Diretora de Comunicação | Acadêmica Linamara Rizzo Battistella |

| |
|--|
| Comissão de Patrimônio |
| Acadêmico Guido Arturo Palomba |
| Acadêmica Conceição A. de Mattos Segre |
| Acadêmico Hudson Hübner França |
| Conselho Científico |
| Acadêmico Álvaro E. de Almeida Magalhães |
| Acadêmico José Carlos Prates |
| Acadêmico Sergio Almeida de Oliveira |

Expediente

| | |
|-------------------|---|
| Editora Acadêmica | Conceição Aparecida de Mattos Segre |
| Endereço | Avenida Brigadeiro Luís Antonio 278 CEP 01318-901 6° andar Tel.: (11) 3105-4402 Fax: (11) 3106-5220 |
| E-mail | contato@academiamedicinasaopaulo.org.br |

Produção Gráfica h2m studio de criação e design | www.h2m.art.br | Tel.: (11) 99132-5347
O Asclépio não tem qualquer responsabilidade sobre os conteúdos assinados pelos acadêmicos.